

UM ATLAS PARA O SÉCULO XXI

AN ATLAS FOR THE 21st CENTURY

Gabriel Dória Rachwal¹

Capa dura vermelha com textura de capas de enciclopédias. Tem o tamanho de edições comemorativas e as folhas em papel *couché*. No título lê-se *Atlas do corpo e da imaginação*. A palavra “atlas” em destaque, maior. O livro sobressai na estante em que predominam as edições econômicas. Recuperei o sentimento que tive diante de uma enciclopedia comprada pela minha mãe certa vez depois de uma manhã toda de promessas do vendedor, que oferecia a resolução de todos os trabalhos possíveis que eu viesse a ter de fazer para a escola. Estava tudo lá, organizado em ordem alfabética, desde os presidentes da república, passando pelos esportes e indo até os dinossauros. O mundo condensado em volumes.

A imagem talvez afugente um acadêmico sério empenhado verticalmente na sua área de pesquisa, mas vá lá, o livro de Gonçalo M. Tavares, lançado em setembro de 2013, em Lisboa, propõe um mapeamento extenso como o de uma enciclopédia mas, em vez do mundo que nos é externo, aquilo que o livro toma como objeto da sua investigação mapeadora é o nosso aparato de apreensão do mundo, considerando ser tal coisa composta, basicamente, pelo corpo humano e pela capacidade imaginativa, pensante. As mais de quinhentas páginas percorrem, portanto, quase todo o tipo de reflexão epistemológica através de fragmentos intitulados seguindo a lógica dos verbetes. Os fragmentos permitem ao mesmo tempo a leitura de forma isolada,

¹ Doutorando, UFPR.

enquanto unidade autônoma, ou levando em consideração a ligação entre o que vem antes e o que vem depois. Tanto a lógica de um livro para consulta pontual quanto a de leitura de um ensaio aderem bem ao texto do *Atlas*, devendo-se levar em conta que, no caso de uma opção de leitura continuada, não se trata exatamente de um texto fluido, pois os fragmentos parecem funcionar como faíscas que visam provocar a detonação de um processo reflexivo que de certa forma pede um intervalo entre um fragmento e outro. Diferente da lógica de definição pacificadora que um atlas ou uma enciclopédia em suas formas mais tradicionais podem sugerir, os fragmentos deste livro produzem questionamento, agitação. Mais do que um mapeamento de coisas do mundo, portanto, este *Atlas* funciona paradoxalmente como um mapeamento de questões móveis, questões em aberto. Não é raro, ao longo de uma leitura, ter-se a impressão de que o texto está sucessivamente nos sugerindo ramificações que não necessariamente alimentam-se mutuamente numa lógica de complementaridade e sim numa lógica de acumulação de hipóteses para investigação.

A título de exemplo, em vez de citar algum trecho, é possível atentar para a quantidade de referências a filósofos e escritores de cepas diferentes que entram no caldo reflexivo que Tavares propõe. Atendo-se a alguns que aparecem com mais frequência, é possível citar: Hanna Arendt, Robert Musil, Maria Zambrano, Paul Valéry, Roland Barthes, Ernst Jünger, Maria Gabriela Llansol, Clarice Lispector, Gaston Bachelard, Friedrich Nietzsche, Ramón Gomes de La Serna, Ludwig Wittgenstein, Fernando Savater e Gilles Deleuze.

Filosofia e literatura aparecem lado a lado em função do fragmento da vez e sem grandes escrúpulos quanto a uma reconstituição do que seria a reflexão original de cada um dos autores. A fragmentação não está só na base da escrita, mas também na da leitura (dois processos que se unificam no *Atlas*). No segundo fragmento que se apresenta ao leitor, encontra-se um registro de consciência a respeito do método que se está a seguir:

Este termo, *hesitante*, parece-nos fundamental. Um *avanço hesitante*: eis um método; avançar, não em linha recta mas numa espécie de *linha exaltada*, que se entusiasma, que vai atrás de uma certa intensidade sentida; avanço que não tem já um trajecto definido, mas sim um trajecto pressentido, trajecto que é constantemente posto em causa; quem avança hesita porque não quer saber o sítio para onde vai — se o soubesse já, para que caminharia ele? (TAVARES, 2013, p.26-27).

Caso se queira praticar tal método, o próprio *Atlas* o favorece não só pela possibilidade de se poder lê-lo aos saltos ou em vais-e-vens entre os fragmentos, como também pelo jogo que se estabelece entre estes, as imagens e as suas legendas.

As imagens que acompanham os fragmentos do começo ao fim foram produzidas especialmente para o *Atlas* pelo grupo de arquitetos/artistas/*performers* denominado *Os Espacialistas*. Não se trata, em hipótese alguma, de imagens que apenas redizem as questões levantadas pelo texto; em geral, contendo forte nota de ironia — dado que também se faz presente nos fragmentos — as imagens produzem sentidos na relação com o texto e mesmo além dele, o que garante a elas autonomia em relação ao próprio texto, já que é possível acompanhar o jogo das imagens com elas mesmas e com as suas legendas cuja redação (também de Tavares) é de um teor diferente daquele encontrado nos fragmentos.

Dentro da obra de Tavares o *Atlas* acaba sendo uma seara nova, apesar do jogo com imagens já existir, por exemplo, no texto ficcional *Matteo perdeu o emprego* (2010) e o carácter ensaístico já se flagrar nos livros *Breves notas sobre Ciência*, *Breves notas sobre o Medo* e *Breves Notas sobre as Ligações*, sendo que se poderia dizer que estes últimos foram absorvidos pelo *Atlas*, que os assimila e avança em direcções insuspeitadas para a “Enciclopedia”, título que agrupa o conjunto de notas. O carácter diferenciado desta publicação pode ser atribuído ao fato de o texto ser fruto, com alterações e cortes — conforme informa a nota final —, da tese de doutoramento do autor. A diferença, porém, não é absoluta. Os temas que o autor visita em sua própria

obra estão no *Atlas* que, além de poder funcionar como orientação no mundo — como se fosse uma coletânea de questões básicas a se pensar quando se fala do gigantescos temas do corpo e da imaginação —, também funciona como orientação para o contato com a obra do próprio autor. O poder, a violência, a guerra e a técnica de *O Reino*, o movimento de *O senhor Calvino* ou de *O senhor Walser*, a viagem e a experiência de uma *Uma viagem à Índia*, o caráter investigativo de *O livro da dança*, enfim, as questões que se apresentam na obra de Tavares aparecem mapeadas nessa espécie de *I-Ching* que o *Atlas* parece querer se tornar.

Para dar uma ideia do que pode vir de uma consulta a este oráculo, pode-se observar os fragmentos que remetem o leitor à exposição *El Palacio de los Proyectos*, dos artistas Ilya e Emilia Kobakov. Uma das propostas do casal de artistas é tornar as pessoas melhores através de uma espécie de meditação que se realiza vestindo um par de asas de anjos e outra é um exercício de aumentar a quantidade de tempo que se passa olhando para cima, dado que a posição da cabeça (olhando para baixo ou para cima), segundo eles, afeta diretamente a qualidade dos pensamentos. Os fragmentos de Gonçalo M. Tavares em momento algum dão margem para que se tragam as duas propostas para o campo do humor. Objetiva-se aí o estabelecimento da possibilidade de alterar o corpo através da imaginação e a imaginação através do corpo, criando-se um contínuo entre essas duas categorias. Alguém poderá dizer que é autoajuda barata ou que se deveria notar a presença da ironia. Pode ser, mas mesmo admitindo um ou outro, a reflexão de Tavares me parece avançar se importando pouco com conclusões e muito com geração de hipóteses de trabalho, venham elas de ondem vierem: de um fragmento lido na literatura ou na filosofia, de uma imagem, da característica de um personagem de um romance ou mesmo de uma leitura equivocada. Não é à toa que o livro termina citando o fim da coleção de apontamentos intitulada *Aulas e Conversas* (Cotovia: Lisboa, 1998), de Wittgenstein: “e é tudo, excepto mais confusões”.

O que o atlas mapeia, no fim das contas, é menos um território estável e bem comportado do que um tornado.

REFERÊNCIAS

TAVARES, G. M. *Atlas do corpo e da imaginação*. Portugal, Alfragide: Editorial Caminho, 2013.

Submetido em: 27/08/2014

Aceito em : 29/10/2014